

AMBIENTALISMO DE CAROLYN MERCHANT: FEMINISMO E ECOLOGIA

Bruna Gabriela Bondioli Possebon (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Roger Domenech Colacios (Orientador). E-mail: ra103483@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Ciências Humanas/História e Educação.

Palavras-chave: ecofeminismo; natureza; história.

RESUMO

Esta pesquisa de iniciação científica teve como objetivo compreender a produção em ambientalismo e ecofeminismo da filósofa e historiadora Carolyn Merchant. Para tal, foram lidos capítulos de dois de seus livros; “A Morte da Natureza: mulheres, ecologia e a Revolução Científica” e “Earthcare: women and the environment”, bem como realizados fichamentos acerca de outros de seus livros e também de artigos escritos por comentadores da autora. Além disso, foram verificadas aproximações da obra de Merchant com o ambientalismo e o ecofeminismo em geral. As informações relevantes ao projeto foram obtidas por meio das plataformas online de pesquisa e também pelas bibliografias físicas. Além disso, a investigação teve um caráter inter-relacional, uma vez que analisará os feitos do ecofeminismo e ambientalismo, com a educação e a história ambiental.

INTRODUÇÃO

O meio ambiente pode ser interpretado de várias formas, uma delas, é como um local em que se ocorre relações dinâmicas e constantes entre as vertentes naturais e sociais (Reigota, 2012). Ou seja, todo espaço que apresenta essas conexões diversas entre os recursos naturais e os seres vivos, pode ser considerado meio ambiente. Os impactos ambientais começam a ser percebidos após as mudanças causadas pela Revolução Industrial no século XIX, embora a crise ambiental tenha sido confirmada apenas na década de 1960. A evolução da manufatura para a indústria, o ser humano tornou-se capaz de alterar o meio ambiente de forma muito mais intensa e, também, causar novos impactos relacionados à poluição. Tanto que atualmente considera-se a palavra Antropoceno como representativa da era geológica que teria sido inaugurada com a Revolução Industrial.

Os movimentos sociais que lutam pela defesa da natureza têm, com o passar dos anos, se tornado cada vez mais relevantes. A busca por diversas formas de consumo consciente, alternativas aos métodos de obtenção de energia atuais, ou até processos de produção que tenham um impacto menor na biodiversidade, entre outras pautas, são vários exemplos de pequenas políticas que visam mudanças na estruturação da sociedade capitalista atual que utiliza o mundo natural de forma exacerbada e, até mesmo, inconsequente. A preocupação com a situação

ambiental, surgiu após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, aumentando a atenção da sociedade com a poluição causada pela radiação das armas nucleares.

Outro desdobramento que tem se juntado à pauta ambientalista é o movimento ecofeminista. O termo Ecofeminismo foi primeiramente utilizado pela feminista francesa Françoise d'Eaubonne em um artigo publicado em 1974, argumentando sobre um problema ecológico, a superpopulação. d'Eaubonne afirmou que tal situação era decorrente da sociedade patriarcal que impedia as mulheres de decidirem por si próprias se teriam o desejo de terem filhos ou não. Essa ideia inicial foi logo enfraquecida, porém novos tipos de repercussão vieram a partir do uso desse termo (Puleo, 2017).

Atualmente, uma autora que tem se destacado por conta de suas publicações que trazem à tona, principalmente, a forma com a qual a Revolução Científica, por meio de sua visão mecanicista do mundo fez com que a ciência moderna corroborasse com a exploração da natureza, bem como uma expansão comercial que geraria uma nova ordem socioeconômica que oprime as mulheres. Seu nome é Carolyn Merchant. Nascida em julho de 1936 em Rochester, Nova Iorque, Merchant concluiu seu mestrado e doutorado em História da Ciência na Universidade de Wisconsin e produziu diversos livros a respeito da história ambiental e sua relação com a ciência.

REVISÃO DE LITERATURA

A pesquisa se baseou principalmente na leitura, fichamento e síntese de textos que abordassem o tópico de investigação, ou seja, obras que que tratassem da produção ambientalista de Carolyn Merchant. Dessa forma, além da leitura dos capítulos “Produção, Reprodução e o Feminino” e “A Manutenção da Natureza” de seu livro “A Morte da Natureza: mulheres, ecologia e a revolução científica”, foram pesquisados artigos publicados pela própria autora, bem como comentadores na plataforma Google Acadêmico, onde foram selecionados títulos que percorressem e que também criticassem a obra formulada por Merchant.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por considerar que suas concepções são mais próximas do ecofeminismo socialista, Merchant comenta que acredita em uma ética de parceria ou companheirismo (partnership ethic, em inglês), na qual seres humanos, de ambos os gêneros, possuem uma igualdade nas relações pessoais, domésticas e políticas, bem como dispõem da mesma igualdade quanto a natureza não-humana. A autora apresenta que “Assim como os companheiros humanos, independentemente de sexo, raça ou classe, devem dar espaço, tempo e cuidado um ao outro, os humanos devem dar espaço, tempo e cuidado à natureza não humana, permitir que ela se reproduza, evolua e responda às ações humanas.” (Merchant, 1992, p. 18, tradução nossa).

Merchant apresenta que ao conceituar a natureza como uma companheira, surge a possibilidade de se fundamentar uma relação entre natureza e humanos que seja permeada por sentimentos de compaixão, promovendo uma relação de respeito

entre os diferentes tipos de pessoas e seres não-humanos. Essa noção também entraria como contrária a visão da natureza como algo feminino, como mãe ou geradora da vida no sentido de que evita a questão ecocêntrica na qual os humanos estão presentes na relação ecológica da vida de forma completamente igual aos outros seres, o que resultaria em que os seres humanos possuiriam o mesmo domínio moral que bactérias ou insetos, por exemplo. Isso significa que as ações humanas possuem sim um valor maior quando considerada a capacidade de interferência dos sujeitos na natureza (Merchant, 1992).

Apesar de possuir um pensamento próprio sobre o ecofeminismo, a autora admite uma visão otimista a respeito dessa abrangência de opiniões, posto que a grande maioria leva em consideração tanto a reprodução biológica quanto a social da vida dos seres humanos e não-humanos na Terra. Dessa forma, Merchant afirma que “[...] talvez haja mais unidade do que diversidade no objetivo comum das mulheres de restabelecer os males naturais, o espaço e a qualidade de vida das pessoas e demais habitantes vivos e não vivos do planeta.” (Merchant, 1992, p.19, tradução nossa).

Outro argumento que Merchant traz a respeito de sua perspectiva ecofeminista é em relação a conexão mulher-natureza, ela cita que as raízes dessa relação foram construídas artificialmente. A autora afirma que tanto a sujeição de mulheres sobre homens quanto da natureza sobre, também, os homens decorre da visão de mundo centrada no homem do “patriarcado” (Lv; Wang, 2018). Merchant faz a análise desta questão de forma generalista, ou seja, não considerando diferentes padrões de homens e mulheres pelo mundo, separados por classes e raças, mas argumentando que o coletivo deve trabalhar em união para superar as estruturas opressivas do homem com a mulher e a natureza.

Por meio de suas pesquisas em textos históricos, Merchant encontrou que em diversas regiões do mundo, a ideia de natureza é relacionada e metaforizada como, assim como já citado, uma mãe geradora da vida. A autora argumenta que o sexo, gênero e a natureza não possuem características invariáveis ou essenciais, ou seja, cada sujeito, por exemplo, nasce e cresce em uma determinada comunidade, passa por um processo de socialização e educação, e nela aprende como se relacionar com a natureza, não tendo um agir comum entre todos os seres humanos a respeito do ecossistema. Nesse sentido, dependendo de onde cada indivíduo está ou esteve inserido, a significação que a natureza tem, irá ser diferente (Lv; Wang, 2018).

De acordo com Lv e Wang (2018), Merchant apresenta que apesar de conceituar os seres humanos, não-humanos e a natureza não terem uma essência, os dualismos homem/mulher e homem/natureza são considerados imutáveis e inerentes, como se tivessem surgido definitivamente junto com cada ser. A autora afirma que esses dualismos decorrem da dicotomia sujeito/objeto e o modo de pensar de oposição binária da filosofia e cultura ocidental que surgiu principalmente durante a Revolução Científica na Idade Moderna. Essa visão é veementemente criticada por Merchant, que argumenta que qualquer trabalho ou análise que afirme que as mulheres possuem uma natureza ou qualidade especial, implica na vinculação da mulher à seu caráter biológico, fato que impede a possibilidade de libertação da mulher, bem como faz com que as políticas com base na cultura, experiências e valores podem

ser considerados um retrocesso (Lv; Wang, 2018). Merchant defende, então, que os dualismos e a conexão mulher-natureza foram construídos historicamente, ou seja, que não possuem raízes biológicas e sim por conta de contatos espontâneos no decorrer da história, começando pelo papel de coletoras, enquanto homens trabalhavam na caça, possivelmente tendo as primeiras experiências na agricultura, bem como pelo sua função materna ao necessitar cuidar de sua prole e responsabilizar-se do ambiente que estava nas redondezas de seu lar (Lv; Wang, 2018)

CONCLUSÕES

Uma das principais contribuições de Merchant para a área de história e a do feminismo foi em seu livro, "A Morte da Natureza" por identificar que durante a Revolução Científica no século XVII a ciência passou a objetificar a natureza, de forma a torna-la atomizada e inerte. Merchant mostra como as imagens e metáforas dominantes da natureza como feminina funcionaram historicamente para justificar a dominação de mulheres e natureza. Concentrando-se principalmente na revolução científica, Merchant explora as implicações éticas de uma visão de mundo que reconceitualiza a natureza como uma máquina em vez de um organismo vivo. Merchant foi uma das primeiras autoras a pontuar que a feminilização da natureza e a naturalização das mulheres estariam ligadas historicamente às dominações justificadas de mulheres e da terra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CNPq pelo financiamento proporcionado para a elaboração desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

LV, Chunhua; WANG, Ziyang. Carolyn Merchant's View of Nature from the Perspective of Ecofeminism. In: **2018 2nd International Conference on Management, Education and Social Science (ICMESS 2018)**. Atlantis Press, 2018. p. 1659-1661.

MERCHANT, Carolyn. Perspectives on Ecofeminism. **Environmental Action**, v. 24, p. 18-19, 1992.

PULEO, Alicia. What is ecofeminism? **Quaderns de la Mediterrània**, v. 25, p. 27-34, 2017.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.